

MUSEUS DO PICO

MANUEL FRANCISCO COSTA JR.*

Resumo: *Apresentação do Museu Regional do Pico nas suas três extensões: o Museu dos Baleeiros, na vila das Lajes do Pico, o Museu da Indústria Baleeira, na vila de São Roque do Pico e o Museu do Vinho, na vila da Madalena, profundamente ligados à geografia e história únicas da ilha, com destaque para o Museu do Vinho, emanação cultural e patrimonial da principal atividade económica exercida pela comunidade que ocupou este território desde o seu povoamento. Este museu reúne as memórias e tecnologias agrícolas associadas ao vinho num espaço que, durante séculos, foi dedicado ao fabrico do vinho: as instalações agrícolas que pertenceram ao Convento do Carmo — imóvel dos séculos XVII-XVIII, mansão de veraneio dos frades carmelitas sedeados na cidade da Horta —, símbolo arquitetónico da fase opulenta do Ciclo do Vinho Verde, na ilha do Pico.*

Palavras-chave: *Museu do Vinho; Museus regionais; Paisagem Cultural da Vinha da Ilha do Pico; Património Mundial (UNESCO).*

Abstract: *Presentation of the Regional Museum of Pico in its three extensions: the Whaling Museum, in the town of Lajes do Pico, the Whaling Industry Museum, in the town of São Roque do Pico, and the Wine Museum, in the town of Madalena, deeply linked to geography and unique history of the island, with emphasis on the Wine Museum cultural and heritage emanation of the main economic activity exercised by the community that has occupied this territory since its settlement. This museum brings together the memories and agricultural technologies associated with wine in a space that, for centuries, was dedicated to the manufacture of wine: the agricultural facilities that belonged to the Convento do Carmo — immovable, from the 17th to 18th centuries, a summer mansion for the Carmelite friars based in the city of Horta —, architectural symbol of the opulent phase of the Verde Wine Cycle, on the island of Pico.*

Keywords: *Wine Museum; Regional museums; Cultural Landscape of the Pico Island Vineyard; World Heritage (UNESCO).*

O Pico é uma espécie de outro mundo que não é do nosso mundo. Ilha austera, esfíngica, primordial, e fortemente telúrica, remete-nos para uma certa essência fundacional daquilo que fomos e daquilo que somos. Medularmente rural, possui um magnetismo próprio, forjado na seiva dos vulcões, que se apega aos nossos sentidos, como lapa à pedra.

Ilha geologicamente jovem, de semblante cinza e negro, e com uma beleza que é só dela, e a torna única no contexto insular, o Pico é o grande panteão vulcânico dos Açores. A única ilha que tem uma das «7 Maravilhas de Portugal», a Montanha do Pico, a namorar uma Paisagem Mundial da UNESCO, a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, que aqui celebramos.

O Pico reflete o exemplo acabado da ação da geografia sobre o curso da história, realidade que determinou a individualização do modo de vida das suas gentes. Com

* Diretor do Museu do Pico.

efeito, a infertilidade do solo, de «lajido», de «mistério» e de «biscoito», atrasou a ocupação humana e dificultou o desenvolvimento económico. No entanto, esta maldição da terra — apenas 3/4% do solo é arável — aguçou o engenho e a tenacidade dos Homens.

A vocação vinícola constituiu-se, assim, como o principal elemento diferenciador do Pico na paisagem agrícola dos Açores. A paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, classificada como Património Mundial da UNESCO, corresponde a uma área de excepcional beleza natural e importância estética, obedecendo a uma evidente relação de equilíbrio e cumplicidade entre o homem e a natureza, ao longo dos séculos, desde o povoamento à atualidade.

A criação do Museu do Vinho, na vila da Madalena, deve, pois, ser entendida como uma inevitabilidade histórica. A organização de um museu subordinado à temática da vinha e do vinho identifica-se com a principal atividade económica exercida pela comunidade que ocupou este território, desde o seu povoamento. Na Madalena reúnem-se, de facto, várias condições favoráveis para se instalar um museu de memórias e tecnologias agrícolas associadas ao vinho, quer pela extensão e expressão da vinha que domina o território, quer pela existência de um espaço que, durante séculos, foi dedicado ao fabrico do vinho: as instalações agrícolas que pertenceram ao Convento do Carmo. Este imóvel, de finais do século XVII, inícios do século XVIII, mansão de veraneio dos frades carmelitas sedeados na cidade da Horta, é um dos símbolos arquitetónicos da fase opulenta do Ciclo do Vinho Verde, na ilha do Pico.

A localização geográfica privilegiada do Museu do Vinho, o poder mágico da paisagem natural — a vinha, os dragoeiros seculares, o canal, o mar e a Montanha —, a dimensão poética e estética do lugar, a presença de uma arquitetura secular, de pedra vulcânica, em harmonia com a nova arquitetura de Paulo Gouveia, têm vindo a transformar este espaço em lugar de visita turística obrigatória, lugar de memória e de culto, lugar de estudo, lugar de história natural.

Figs. 1 a 10. Museu do Pico (exterior e interior). Fonte: Museu do Pico





Nos museus do Pico enxertaram muitas empresas, serviços, agentes culturais e económicos, instituições, projetos, iniciativas, programas e eventos. Públicos e privados. Locais, regionais, nacionais e internacionais. Aqui, os museus foram sempre lugares de romaria e de peregrinação cultural, santuários de celebração da ilha e do arquipélago.

Mesmo dessacralizados, porque trespassados por uma visão contemporânea das funções museológicas, estes museus são espaços onde, com impurezas e imperfeições, nos deciframos e interpretamos.

Neles habitam narrativas locais e regionais, que são globais. Histórias e epopeias que são do mundo. Aqui mora o singular, o que é único. O que tem carácter e forte personalidade. Unicidade e singularidade que desaguam, sem contrafortes, na universalidade. É essa diferença, essa especificidade, sem mimetismos, que constitui, e há de sempre constituir, a nossa força e a nossa atratividade.

Com a noção clara de que só a diferença, e a defesa intransigente do que é nosso, num mundo aberto, nos pode transformar num espaço de verdadeira comunhão cultural e patrimonial, com grande potencial turístico. Precisamos de ser sempre nós, de corpo inteiro, a partir de dentro. Sem recusarmos a vocação universal que nos está na massa do sangue da história. Sem copiar o mundo.

Fomos capazes de, a partir de nós, com limitações e defeitos, construir um conceito de museu que se transformou numa imagem de marca no panorama museal e turístico da Região. Desde sempre liderámos a procura turística nos Açores. Em 2018 tivemos 65 103 visitantes. Em fevereiro de 2019 atingimos, no conjunto dos três polos museológicos, 1 037 623 visitantes.

Fizemo-lo em rede, e em complementaridade com os agentes sociais e culturais locais. Sem centralismos estéreis, sem elitismos provincianos, em respeito absoluto pela comunidade e pelo território. Estabelecendo parcerias, cumplicidades, solidariedades. Percebendo que o museu projeta a comunidade, e esta se deve rever no seu museu. Promovendo ligações e associações de todo o tipo com as mais variadas entidades públicas e privadas da ilha e dos Açores.

Percebemos, para melhor nos defendermos e sermos mais eficazes, que precisávamos de trabalhar com todos. Promovemos um diálogo estratégico com os vários serviços governamentais e com os municípios da ilha. Aproximámo-nos dos agentes turísticos. Em permanente diálogo, ajustámos mecanismos e procedimentos de procura e de funcionamento. Associámo-nos, em regime de parceria, apoio e colaboração, a várias entidades sociais e culturais: núcleos museológicos, espaços de memória, centros de interpretação, coletividades, agremiações e sociedades (casas do povo, filarmónicas, grupos corais, grupos de cantares, grupos folclóricos, grupos de teatro). Reforçámos a nossa ligação às escolas, às paróquias, às Santas Casas da Misericórdia.

Estimulámos e acompanhámos inúmeros projetos de investigação científica em torno da cultura da baleação e da cultura da vinha e do vinho. Regionais, nacionais e estrangeiros. Desenvolvemos, a partir do território, da comunidade e das nossas coleções, ações de identificação, estudo, preservação e divulgação do património imaterial dos Açores. Aproximámo-nos das populações. Resgatámos ofícios, profissões, saberes, experiências e técnicas tradicionais. Levantámos e contámos histórias de vida. Produzimos centenas de atividades culturais, muitas delas em colaboração estreita com os agentes culturais locais. Estabelecemos parcerias com os artesãos e as empresas de artesanato. Acolhemos e apoiámos jornais, revistas, programas radiofónicos e televisivos, projetos fílmicos, iniciativas de investigação, de todo o mundo. Mantivemos e reforçámos a nossa relação com museus nacionais e estrangeiros, trocando saberes, experiências e produtos culturais.

Criações *populares*, em sentido puro, os museus do Pico têm sabido opor-se, com sucesso, à vulgaridade e à redundância museológica, à erosão da herança tradicional, e à massificação cultural. Por isso, como emanações cénicas e identitárias do território e da comunidade, condensam uma espécie de essencialidade insubornável da ilha e do arquipélago.

Convocam, no grande palco da terra e do mar, a voz, nua e crua, das mulheres e dos homens da ilha: os «seus contrabandos originais», as suas fomes e medos ancestrais, as suas epopeias de sobrevivência, a sua vontade sísmica, a sua resiliência vulcânica, a sua necessária, indesejada e mítica heroicidade.

